

A face da beleza pelas IAs generativas de imagens: uma questão de gênero e raça¹

Izabela Silva Holanda CAVALCANTI²
Fernanda Capibaribe LEITE³
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

Este trabalho pretende investigar se as imagens geradas pelas IAs generativas estão funcionando como tecnologias de gênero (Lauretis, 1987) e quais são as suas possíveis consequências para as mulheres negras e brancas. Para isso, foram selecionados quatro *softwares* de IA generativa e inserido o *prompt* “a imagem da beleza”. Por esse caminho, analisaram-se as imagens com base no pensamento crítico feminista interseccional, à luz de Goellner (2003), Collins (2019) e Hooks (2019). Concluímos que as IAs generativas disseminam uma semântica que usa a beleza como instrumento de controle do corpo, culminando na desigualdade de gênero e de raça.

PALAVRAS-CHAVE: inteligência artificial; mulher; gênero; beleza; raça

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a falta de neutralidade de ferramentas tecnológicas, no que se refere ao gênero, como pode ser vista nos *chatbots* Siri, da Apple, a Alexa, a Cortana, da Microsoft e a Google Assistente, da Google e em vários outros contextos do mundo das máquinas, como nas cancelas eletrônicas, nos leitores faciais, nos elevadores etc., este trabalho procura investigar como a beleza influencia na construção desse design de gênero para as produções das inteligências artificiais generativas de imagens.

Para isso, foi analisado se, em primeiro lugar, as IAs estão associando o *prompt* (comando) “a imagem da beleza” às mulheres, sentido que ganha ascensão após a revolução industrial e se sedimenta com a atuação da indústria publicitária. Posteriormente, se essas respostas estão relacionando o sentido de beleza apenas às

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: izabela.holanda@ufpe.br

³ Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: fernanda.capibaribe@ufpe.br

mulheres dentro do padrão estético burguês: branca, magra e jovem, funcionando, desse modo, como tecnologias de gênero (Lauretis, 1987).

Em seguida, será objeto de investigação como a repercussão dessas figuras pode representar uma ideologia de controle dos corpos, destacando que o corpo é um lugar modelado culturalmente e usado para impor opressões, como afirma Goellner (2003), a fim de, por fim, analisar essas opressões de forma gendrada e entre as mulheres negras e brancas, com base em Collins(2019) e Hooks(1992), cujos pensamentos demonstram como as imagens de mulheres negras funcionam como instrumentos de controle ideológico para sustentar uma estrutura machista, sexista, patriarcal e capitalista.

METODOLOGIA

A fim de saber quais imagens associadas ao belo estão sendo repercutidas pelas IAs generativas, utilizamos o comando descritivo pelas palavras-chave: “a imagem da beleza”, em quatro ferramentas gerativas de imagens, sendo elas o *Copilot*, o *Canva*, o *Leonardo.AI* e o *Imagine.art*. A coleta aconteceu no período de junho a outubro de 2024, e todos os programas geraram quatro imagens cada, portanto, foram examinadas um total de 16 figuras.

Posteriormente, verificamos a presença do corpo como construto da beleza e a maneira como ele foi levado para esse patamar a partir das mudanças culturais, segundo os pensamentos de Louro (2004). No momento seguinte, analisamos a discriminação binária de gênero masculino e feminino, à luz do conceito de tecnologia de gênero, postulado por Teresa de Lauretis (1987), que qualifica as imagens como dispositivos culturais cuja atuação impõe uma pedagogia da discriminação sobre as mulheres.

Por fim, as imagens foram estudadas sob a variável raça, com o intuito de verificar as complexificações acerca dos significados do termo beleza. Para esse propósito, embasamo-nos nos conceitos de Bell Hooks (2019) e Patricia Hill Collins (2019), com o propósito de investigar como as imagens funcionam como instrumento do racismo, especificamente, quando geram um escalonamento entre as mulheres, cuja finalidade é sustentar a estrutura capitalista patriarcal.

QUEM DESENHOU ESSA BELEZA, UMA IA OU UM INSTRUMENTO DO PATRIARCADO?

O capital social beleza é tão imperioso que pode ser transformado em outros capitais, como o capital amoroso ou o laboral, tendo mais chances na corrida social quem mais bela for admitida. Nesse sentido, há grupos sociais que terminam por ter custos elevados, tanto materiais quanto simbólicos, para alcançar o padrão, como as mulheres negras, já que, historicamente, pouco são associadas uma iconografia da beleza (Cavalcanti, 2024). Por esse viés, como simulacro da inteligência humana, avaliar se as IAs espelham essas divergências da vida real se torna imprescindível, ainda mais numa sociedade que convive progressivamente com o mundo virtual.

Os quatro *softwares* analisados retornaram 15 imagens de mulheres brancas em semelhança ao padrão de beleza caucasiano e uma imagem de mulher negra. Além disso, todas as mulheres eram magras e jovens. Como este texto se configura como um resumo de um artigo maior, traremos, apenas, alguns exemplos de imagens:

Figura 1 - Imagem da Beleza pelo Copilot



Fonte: Copilot

Figura 2 - Imagem da Beleza pelo Canva



Fonte: Canva

Figura 3 - Imagem da Beleza pelo Leonardo.AI



Fonte: Leonardo.AI

Figura 4 - Imagem da Beleza pelo Imagine.art



Fonte: Imagine.art

Nota-se que em nenhuma das respostas dadas pelas IAs foi retornada uma imagem da natureza, de uma estrutura arquitetônica ou de uma figura abstrata; mas de um corpo. Desse modo, como aponta Goellner (2003), o corpo não é apenas um conjunto de características biológicas, mas faz parte de uma construção narrativa permeada pela cultura. Assim, percebemos que beleza, para esses softwares, é sinônimo de mulher, assim como acontece na contemporaneidade. Mas tal fator não se apresenta como uma benesse social, uma vez que, como diz Vigarello(2006), os símbolos que determinam a

mulher como delicada, singela, sensual, amorosa e alegre servem para demarcar sua subordinação e não, apenas, a sua diferença em relação ao outro sexo:

As qualidades da mulher, dito de outra maneira, são ao mesmo tempo excelentes e subalternas. A mulher continua inexoravelmente "inferior": tanto mais porque sua beleza é feita para "deleitar" o homem, ou, melhor ainda, para "servi-lo" (Vigarello, 2006, p. 27).

Há também outro fator atuante sobre esse fenômeno: a subjetivação feminina. As mulheres aprendem, em suas subjetivações, a ser forçoso encontrar uma essência feminina para alcançar a beleza. Nesse aspecto, aponta Teresa de Lauretis (1987) que o gênero é muito mais do que uma diferença sexual e pode ser apreendida por meio de tecnologias culturais carregadas de instunções vinculadas ao gênero, as quais ela chama de tecnologias de gênero, cujo objetivo é produzir uma pedagogia da prática feminina na sociedade. Ou seja, o ser mulher incluiria, inexoravelmente, ser bela. Essa subjetivação, ou autorrepresentação, faria parte do que a autora chama de interpelação:

O processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela, embora seja de fato imaginária (Lauretis, 1987,p.220).

Ao que pese a presença da mulher negra, apesar de apresentar cabelos *black power*, símbolo da cultura negra, a estética corpórea recupera o padrão ditatorial da beleza, assim como nas outras imagens. Desse modo, o corpo negro não foi posto em sua naturalidade, mas modelado ao padrão eurocentrico branco. Assim, não podemos deixar de evidenciar que a narrativa sobre os corpos tem um tencionamento social e um delineamento de raça. Portanto, ser mulher significa ser bela, ser magra, ser jovem e ser, sobretudo: Branca.

Desse modo, as mulheres negras recebem um outro conjunto de valores semânticos que não condizem com a beleza branca: jovem, pura e angelical. Pelo contrário, às mulheres negras é associada a lascividade, a sexualidade e a disponibilidade.

Indesejável no sentido convencional, que define a beleza e a sexualidade como atraentes apenas enquanto idealizadas e inatingíveis, o corpo da mulher negra só recebe atenção quando é sinônimo de acessibilidade, disponibilidade, quando é sexualmente desviante (Hooks, 2019,p.116).

No que tange à aparência, a raça interpela o gênero e gera um desequilíbrio entre as representações das mulheres brancas e negras. Ou seja, se o estereótipo é nocivo às

mulheres brancas, é muito mais perverso às mulheres negras. Nas palavras de Patrícia Hill Collins:

Raça, gênero e sexualidade convergem nessa questão da valoração da beleza. A negritude dos homens negros os penaliza. No entanto, por não serem mulheres, valorações de sua autoestima não dependem tanto de quão atraentes são no aspecto físico. Em contraste, parte da objetificação de toda mulher está ligada à valoração de sua aparência. [...] Julgar as mulheres brancas por sua aparência física e atratividade é uma forma de objetificá-las. Ao mesmo tempo, porém, a pele branca e o cabelo liso lhes dão privilégios num sistema que valoriza a branquitude, em detrimento da negritude.[...]No pensamento binário que sustenta as opressões interseccionais, as loiras magras e de olhos azuis não poderiam ser consideradas bonitas sem o Outro – as mulheres negras com características tipicamente africanas: pele escura, nariz largo, lábios carnudos e cabelo crespo (Collins, 2019, p.183).

Portanto, tanto o temperamento: luxurioso, quanto a aparência: fenótipo da mulher negra, fazem parte de um conjunto de significados que definem um estereótipo de beleza politicamente pensado para enclausurar a mulher negra, a fim de que essa imagem sustente uma sociedade racista, machista e capitalista (Bueno, 2020). A falta da beleza transforma a mulher negra num instrumento, algo usável, abaixo da subalternidade branca.

Quanto ao gênero, Lauretis diz que seus sistemas “são entendidos como sendo sistematicamente ligados à organização da desigualdade social” (Lauretis, 1987, p.212). Poderíamos mudar a palavra gênero por raça que a afirmativa ainda continuaria verdadeira. Portanto, as imagens das IAs generativas corroboram com tantos outros instrumentos que sustentam grupos sociais a outros, a saber, os homens sobre as mulheres e as mulheres brancas sobre as mulheres negras, sendo assim, mais um instrumento do patriarcado.

CONCLUSÕES

Como foi visto, a subjetivação das mulheres continua comprometida pela repercussão das figuras oriundas das IAs generativas, que também se inclui no rol das tecnologias de gênero. Além disso, o desequilíbrio representacional entre as mulheres negras e brancas foi mantido, tal como acontece nas produções humanas.

Do mesmo modo, a replicação de valores capitalistas, machistas e racistas para as inteligências artificiais desmascara a ideia de nova tecnologia, progresso tecnológico e avanço social. No que diz respeito ao feminino, mulheres negras são ratificadas nos

estereótipos de feiura e lascividade, enquanto mulheres brancas são enclausuradas em “frascos de perfume”, prontas para servirem como objetos de exibição.

Por fim, a falta de preocupação por parte dos códigos que regem as IAs em disseminar estereótipos de gênero e raça demonstra que eles fazem parte da mesma estrutura simbólica que há anos usam essa narrativa para manter a desigualdade de gênero.

REFERÊNCIAS

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. 1.ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1.ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2019.

CAVALCANTI, Izabela Silva Holanda; FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. Novas tecnologias, antigas ideologias: como a beleza está associada às mulheres em imagens geradas por IAs generativas. *In*: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. 47. 2024. Balneário Camboriú. SC. **Anais [...]** Balneário Camboriú: Univali, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/0723202422225066a0576a0f942.pdf> f. Acesso em 19 out. 2024.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 192-210. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5673685/mod_resource/content/4/DE%20LAURETIS%20Teresa.%20A%20Tecnologia%20do%20G%C3%AAnero%20%281987%29.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Marcas do corpo, marcas de poder. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 75-89. Disponível em: [https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17681/material/corp%20gnero%20e%20sexualidade%20\(1\).pdf](https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17681/material/corp%20gnero%20e%20sexualidade%20(1).pdf). Acesso em: 15 out. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes et al. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.

HOOKS, bell. **Olhos negros: raça e representação**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

VIGARELLO, Georges. **A história da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. 336 p.